

EUCLIDES DA CUNHA - Fragmento de Conferência

Pelo MARECHAL RONDON

(O extraordinário índio brasileiro saúdo o seu irmão racial).

Bem estranho há de parecer a muitos que um sertanista quase alheio ao mundo cotidiano das louçanias e gracilidades da vida esplêndida de um grande centro civilizado, se tenha decidido a arrostar as dificuldades e os perigos de uma cátedra de conferencista.

Acreditaram, quem sabe? os que encontram a explicação de caso tão novo na imprevidência que se há de esperar de quem, por dever de ofício, se acha de há muito acostumado com a idéia de ter de afrontar todos os riscos e lançar-se a todas as aventuras.

Vêde, entanto, quanto a verdade se distancia das aparências: não foi minha a decisão de que nesta hora vos dirigirei a palavra, nem eu o faço sem vos lastimar pela decepção que ides sofrer.

Porque vos foi dito pela voz da FAMA que hoje teríeis aqui uma conferência, quando na verdade vereis que apenas tenho para vos dar umas notas esparsas, e bem descoídas, de alguns dos aspectos sociais, políticos e mentais que rodearam a formação do espírito e do caráter de Euclides da Cunha, e um punhado de saudades para derramar sobre o seu túmulo.

De tamanha pobreza é legítimo que vos queixeis, mas ainda assim estou que

me não regatearei as flores da vossa boa vontade e simpatia pela consideração de que, se dou pouco, é porque mais não tenho, pois que tudo que era meu passa a ser vosso.

Até certo ponto, parece justo que, depois de sobre o mérito ou obra literária de Euclides se haver recolhido o depoimento dos que para isso receberam a necessária investidura do talento e da competência, fossem chamados a dizer sobre os seus menores gestos e as modestas circunstâncias de sua vida os que o conheceram, quando ele ainda se preparava para a ascensão, em que receberia o ósculo da glória e o galardão da imortalidade.

Membros do Grémio consagrado a perpetuar tão insigne memória, e meus amigos, entenderam de me distinguir com a designação para iniciar esta nova fase das comemorações Euclidianas. Com certeza, obraram eles sob o império de uma instintiva impulsão que os inclinava a procurar uma prova objetiva de que a memória de Euclides vive por si mesma na alma de seus admiradores, e não pelo valor e beleza das efusões que habitualmente lhe dedicam os mais brilhantes espíritos dos nossos dias.

Enquanto não consegui penetrar o recôndito sentido da inspiração, que assim movia aqueles meus amigos, restitui-lhes, mas, por fim, abstraiam-se-me os olhos, rendi-me; e eis-me aqui, diante de vós

— cumprindo a missão que neste passo me coube de provar como o culto à memória de Euclides, entre vós se mantém pelo seu próprio peso e não pelo calor e brilho de uma palavra evocativa de fortes emoções, brotadas do seio de longínquas arroubas de grandiloquentes discursos.

Evoco, pois, as imagens queridas dos acontecimentos gloriosos e das figuras veneráveis, que no mais íntimo recessos do meu ser vivem em discreta vigília, sempre sentinela ao chamado da saudade dos exilados indolentes em que me e tudo reagiam-me dentro de mim mesmo e, estupefacto a minha alma ao calor de Deus sonhei já viveram. A minha cunha a deslumbrante de meus olhos segue irreche de minha vida que transcorreu de 1896 a 1906, o do meio de muitas sombras indolentes, já quase apagadas, destacam-se o perfil de exilados vitoriosos, que passaram e moveram-se como seres eternamente vivos e terços engrandecidos de alto: personificações de entusiasmo, secundadas pelas almas inquietas de se de olarem ao amor e ao serviço de grandes e gloriosos ideais.

E no mesmo tempo, e foi ali, ao sopé do meu pensamento, que se levantavam como testemunhas das portentosas forças que brotaram do meu seio sagrado de minha Pátria, como a vida o exemplo da recôndita imortalidade das forças que eternamente, e invencivelmente, se abalam contra a morte, em que se queriam...

E eu sei que os ideais militares da geração de Aquedão sobreviveram, a pesar dos séculos, as inspirações de Euzébio, que viviam nos pensamentos de uma grande alma, como se ainda vivessem do seio do século que se abriu para além das lousas eternizadas do sangue brasileiro.

E a figura de Antenor Corrêa, a personificação ardente de todas as grandezas que podem enobrecer o coração e a alma de um homem eminente, que dominou o comércio e na ao tempo a sua época civilizadora e heroica.

X X X

Euclides da Cunha recebeu a impressão fortíssima desse momento indelével da minha história, de viver no mesmo meio em que, ao longo de vasta instrução científico-militar, forjaram-se os espíritos de esta geração da geração militar que tinha de preparar a transição do antigo sistema semi-estatal, do nosso desajustado regime imperial, para o moderno repúblicano, consciente da sua missão nacional e política, que se vem tornando sob os nossos olhos.

Viviamos a quadra feliz em que a alma se alimentava de sonhos generosos, e se os tem bem formados, nada mais e mais para transbordar em movimentos exuberantes de entusiasmo.

Combatiâmos pela liberdade de cidadãos que viviam dentro de sua própria Pátria, que também era nossa, curvados ao peso de nefanda instituição, que os entregava acorrentados aos caprichos e à ganância de outros homens. Aominável injustiça e odiosa opressão já tinham contra si levantada a consciência inteira da Nação, que, por miríade e miríades de vozes, lançava o seu protesto em clamor, que vinha do passado, ia crescendo, encheria, dentro em breve, o espaço e, por fim, venceria e quebraria as unidades que lhe vinham opor, até transformar-se em formidável brado de vitória e de glorificação.

Mas, a alma da mocidade, um-a vez posta em vibração, não se deteria mais na ascensão para o ideal que se havia pré-trapado; já agora se desarrastaria do solo da Pátria o velho tronco, cuja sombra fizera, por tanto tempo, fazer entorpecida a alma do povo brasileiro.